



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO VOCABULÁRIO
DE CRIANÇAS PORTUGUESAS: REFLEXÕES SOBRE O
PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA LINGUÍSTICA**

MONTEIRO-PB

2022

RAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO VOCABULÁRIO
DE CRIANÇAS PORTUGUESAS: REFLEXÕES SOBRE O
PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Orientador (a): Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

**MONTEIRO PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48i Oliveira, Raiane Gomes de.
A influência do português brasileiro no vocabulário de crianças portuguesas [manuscrito] : reflexões sobre o preconceito e a intolerância linguística / Raiane Gomes de Oliveira. - 2022.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Preconceito. 2. Intolerância linguística. 3. Linguística. 4. Diário de Notícias. I. Título

21. ed. CDD 469.071

RAIANE GOMES DE OLIVEIRA

**A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO VOCABULÁRIO
DE CRIANÇAS PORTUGUESAS: REFLEXÕES SOBRE O
PRECONCEITO E A INTOLERÂNCIA LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação de Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística

Orientador (a): Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

Aprovado em: 30/11/2022

Banca Examinadora

Noelma Cristina F. Santos

Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
Orientadora – UEPB

Jéssica Rodrigues Silva

Prof. Me. Jéssica Rodrigues Silva - UEPB

Regimário Costa Moura

Prof. Me. Regimário Costa Moura - UEPB

**MONTEIRO - PB
2022**

“Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”

Machado de Assis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter concedido a minha entrada na graduação, especialmente no curso de Letras Português, e mais ainda, por ter me amparado durante todo esse período na academia. Agradeço imensamente por todas as vezes que Ele me acalentou e me deu forças e de alguma forma me mostrou o quanto eu era capaz de concluir com sucesso, essa fase tão sonhada em minha vida.

Em segundo lugar, agradeço a minha família que foi instrumento de Deus para me apoiar em tudo que precisei durante esse tempo, aos meus pais, Eraldo e Rosilene, e aos meus irmãos Manoel Rivelino, Rivaldo e Ronildo, sem dúvidas, sem as mais belas palavras de força guiada pelo amor que sentem por mim, eu jamais conseguiria chegar a algum lugar, seja nos estudos, ou tantos outros aspectos em minha vida.

Em terceiro, agradeço a minha orientadora, Noelma Cristina, por ter aceitado orientar minha pesquisa. Suas contribuições foram pertinentes para o meu aprendizado. Sua gentileza ao ensinar, é algo marcante. A mesma gratidão tenho por todos os professores que passaram pela minha trajetória acadêmica. Fazer parte do ato de amar esta profissão tão magnífica, enquanto discente, me incentiva a contribuir de forma significativa no aprendizado de outras pessoas, na posição de conluente de um curso de licenciatura.

Adiante, agradeço ao meu namorado, Paulo Igor, por todo o apoio. Com certeza, meus fins de semana sem sua presença, não teria sido os mesmos. Suas contribuições foram, durante esse tempo, e serão, ao longo da jornada que continuará para a realização de outros sonhos, bastante significativas em minha vida.

Agradeço aos meus amigos e amigas, por tudo que compartilhamos juntos ao longo desse tempo. Situações boas me fizeram feliz, situações ruins me fizeram forte, e vocês estiveram comigo em todos os momentos, me incentivando a progredir. Laís Meneses, Samuel Herculano, Ana Rita, Frederico Siqueira, Núbia Nascimento, Débora Nunes, Helena Santiago, Daiana Danubia, Raiane Holanda, Andreza Oliveira, Maria Vitória, Simony Maciel, Renan Pereira, Micaele Leite, Aline Rocha, Alberto Silva, Sandro Gomes, Otaciany Estendio, Yasmin de Holanda, Rayane Freitas, Thaynara Sousa e Paulo Brito, vocês foram muito importantes para minha evolução, não apenas a acadêmica, mas também enquanto ser humano.

RESUMO

O preconceito linguístico é um fenômeno bastante recorrente em rodas de conversas, jornais, redes sociais, revistas, entre outros meios, mas ainda é uma temática pouco debatida. Sendo assim, perante a um acontecimento envolvendo a área linguística, o presente trabalho tem como objeto de pesquisa, uma notícia emitida pelo *Diário de Notícias*, um dos jornais mais populares de Portugal, que trouxe um assunto debatido por pais, professores e linguistas nos últimos meses do ano de 2021. Segundo o jornal, pais portugueses identificaram palavras do Português Brasileiro no vocabulário de seus filhos e se preocuparam. Os educadores atribuem esse acontecido ao confinamento causado pela pandemia do vírus COVID 19. Portanto, objetivamos, de modo geral, analisar se há ou não preconceito linguístico na notícia emitida pelo Diário oficial de Portugal. Especificamente, buscamos compreender as razões da inquietação dos pais portugueses a respeito da aquisição de palavras do português brasileiro por parte de seus filhos; analisar se essa aversão ao contato com a nossa língua significa intolerância ou preconceito ao Português Brasileiro; e, ainda, investigar o posicionamento de alguns internautas através dos comentários do site Diário de Notícias, a respeito do acontecido. Tratando em analisar tal acontecimento, nossa pesquisa, de natureza qualitativa, classifica-se como documental, descritiva e explicativa e foca na análise dos depoimentos dos sujeitos envolvidos no caso, a fim de alcançar os objetivos pretendidos. Com o aporte teórico de Bagno (2020; 2015), Bortoni-Ricardo (2021), Faraco (2019), Leite (2021) e outros, construímos uma linha de acontecimentos da evolução da língua portuguesa e sua chegada ao Brasil, também, discutimos sobre os conceitos de preconceito e intolerância linguística para o firmamento de nossa pesquisa. Os resultados obtidos apontaram marcas de preconceito e intolerância linguística nas falas dos pais e até mesmo dos especialistas ao se referirem sobre o acontecimento com o vocabulário das crianças portuguesas. Desse modo, esperamos que nossa pesquisa contribua para os estudos linguísticos acerca do preconceito linguístico do português brasileiro.

Palavras-chave: Preconceito; Intolerância; Linguística; Diário de Notícias.

ABSTRACT

In the face of studies about prejudice and linguistic intolerance, we noticed that this form of prejudice is as commonplace as other forms of prejudice. Bearing in mind that in addition to being a very evident theme in conversation circles, newspapers, social networks, magazines, among other means, it is also little debated and much fed. Therefore, in view of an event involving the linguistic area, the present work has as its object of research, a news item issued by *Diário de Notícias*, one of the most popular newspapers in Portugal, which brought a subject debated by parents, teachers and linguists in recent years. months of the year 2021. According to the newspaper, Portuguese parents identified Brazilian Portuguese words in their children's vocabulary and were concerned. Educators attribute this event to the confinement caused by the COVID 19 virus pandemic. Therefore, we aim, in general, to analyze whether or not there is linguistic prejudice in the news issued by the Official Gazette of Portugal. Specifically, we seek to understand the reasons for the concern of Portuguese parents regarding the acquisition of Brazilian Portuguese words by their children; analyze whether this aversion to contact with our language means intolerance or prejudice towards Brazilian Portuguese; and, still, to investigate the position of some Internet users through the comments of the *Diário de Notícias* website, regarding what happened. Trying to analyze such an event, our research, of a qualitative nature, is classified as documentary, descriptive and explanatory and focuses on the analysis of the testimonies of the subjects involved in the case, in order to achieve the intended objectives. With the theoretical contribution of Bagno (2020; 2015), Bortoni-Ricardo (2021), Faraco (2019), Leite (2021) and others, we build a line of events of the evolution of the Portuguese language and its arrival in Brazil, we also discuss on the concepts of prejudice and linguistic intolerance for the firmament of our research. The results obtained showed marks of prejudice and linguistic intolerance in the speeches of parents and even experts when referring to the event with the vocabulary of Portuguese children. In this way, we hope that our research will contribute to linguistic studies about the linguistic bias of Brazilian Portuguese.

Keywords: Prejudice; Intolerance; Linguistics; News Diary.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. METODOLOGIA	11
3. A LÍNGUA PORTUGUESA: DO SURGIMENTO DA LÍNGUA AO SURGIMENTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO	13
3.1 Primórdios linguísticos: desenvolvimento da língua portuguesa até sua chegada ao Brasil	13
3.2 Preconceito e intolerância linguística	16
4. A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA FALA DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS: ANÁLISE DA NOTÍCIA E DA SUA REPERCUSSÃO	23
4.1 Opinião dos pais	23
4.2 Opinião de professores de especialistas	26
4.3 Como o jornal trata e emite a notícia	29
4.4 Repercussão: impressões dos internautas brasileiros e portugueses	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	38

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre o Português Brasileiro (PB) e o Português de Portugal, também chamado Português Europeu (PE), não é novidade. Essa temática já é bastante discutida por linguistas, muitos dos quais abordam principalmente a respeito do preconceito linguístico existente entre esses países, motivado por diferenças no vocabulário, na fonética e na sintaxe, entre outras. Bagno (2015) apresenta esse tipo de preconceito como decorrente do mito de que o PE é melhor ou mais bonito do que o PB, mito esse originado de questões históricas e sociais. O autor ainda acrescenta que o preconceito linguístico é um problema social, e que, em vez de ser solucionado, esse problema está sendo alimentado diariamente.

A presente pesquisa traz como objeto de análise uma notícia que envolve o PB e o PE, emitida nos últimos meses do ano de 2021. O Diário de Notícias (DN), um dos veículos jornalísticos mais populares de Portugal, divulgou um fato que nos chamou a atenção: mudanças no vocabulário de crianças portuguesas ocasionadas pelo maior consumo de conteúdos da internet, devido ao confinamento no período pandêmico da COVID 19. Na proporção em que as crianças passaram a consumir mais conteúdos na internet, tiveram mais contato com conteúdos brasileiros, por ser uma língua que elas conseguem interpretar, pois se assemelha à língua dos Portugueses, o que favoreceu influências para o vocabulário dessas crianças. A partir desse ponto, estreitamos a temática ao objetivo da nossa pesquisa, pois esse ocorrido não significa algo lucrativo ao olhar dos pais das crianças. Podemos compreender isso ao falarem sobre as mudanças ocorridas e as atitudes tomadas a partir delas. *“Laura não diz que vê um polícia na rua mas sim um policial, a relva é grama. Come tudinho. Já Iara pediu à mãe uma bala no supermercado e “isso foi um sinal de alarme”, conta ao DN Ana Marques”*.

Diante desse recente fato, as questões que nortearam nossa pesquisa se resumem a: Por que os pais das crianças portuguesas interpretam como algo negativo o caso de seus filhos conhecerem e fazerem uso de palavras do PB? Podemos compreender que, no próprio ato de inquietarem-se e buscarem uma solução para o problema dos novos hábitos de linguagem de seus filhos, os pais já se revelam intolerantes e/ou preconceituosos? Como os portugueses e os brasileiros se posicionam sobre o fato ocorrido?

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar se há ou não preconceito linguístico na notícia emitida pelo Diário oficial de Portugal. Especificamente, buscamos

compreender as razões da inquietação dos pais portugueses a respeito da aquisição de palavras do PB por parte de seus filhos; Analisar se essa aversão ao contato com a nossa língua significa intolerância ou preconceito ao PB; e, ainda, investigar o posicionamento de alguns internautas através dos comentários do site Diário de Notícia, a respeito do acontecido.

A ideia de se trabalhar o preconceito linguístico surgiu nos debates envolvendo a linguística ao longo do curso de Letras Português, principalmente na disciplina Sociolinguística, quando buscamos compreender a relação entre sociedade e linguagem. Em resposta às nossas apurações, esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos linguísticos, conduzindo o leitor ao entendimento da origem do preconceito a respeito do PB. Dessa forma, o material selecionado para aporte dessa pesquisa será essencial para seu firmamento. Para fundamentar a temática, utilizamos as contribuições teóricas de autores como Bagno (2015; 2020), Bortoni-Ricardo (2021), Faraco (2019), Prates e Silva (2011), Leite (2021) e Ribeiro (2011).

O presente trabalho está organizado em cinco seções, sendo a primeira essa introdução. A segunda seção contém a metodologia, apresentando o tipo de pesquisa e o procedimento de coleta de dados; a terceira seção apresenta o aporte teórico, no qual buscamos recuperar historicamente de onde surgiu o preconceito linguístico contra o PB, para tanto, retomamos questões históricas sobre a origem da língua portuguesa falada no Brasil, além disso, buscamos conceituar teoricamente preconceito e intolerância linguística; a quarta seção corresponde à análise dos dados, detalha os vários pontos de vista de acordo com a notícia emitida, investigando em que momento podemos encontrar preconceito ou intolerância; a quinta e última seção apresenta as considerações finais, momento em que apresentamos o resultado da pesquisa. Após as considerações finais, encontram-se as referências e os anexos.

2. METODOLOGIA

Da área da linguística aplicada, de acordo com a proposta apresentada, a presente pesquisa, do ponto de vista da abordagem, é qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador possui uma preocupação com a compreensão e como o tema abordado é interpretado, levando em consideração o significado que é dado às suas práticas. Segundo Denzin e Lincoln (2005, p. 3):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações [...]. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo.

Dessa forma, compreendemos que, na pesquisa qualitativa, existe uma interpretação do mundo, os pesquisadores buscam analisar as coisas no seu cenário natural e assim compreender o ocorrido de acordo com o significado que é atribuído pelos indivíduos.

Do ponto de vista da fonte dos dados, a pesquisa é documental. Gil (2008, p. 147) explica: “[...] há dados que, embora referentes a pessoas, são obtidos de maneira indireta, que tomam a forma de documentos, como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos [...]”. Gil (2008, p. 151) explana ainda sobre *Comunicação em massa* e sua importância:

Os documentos de comunicação de massa, tais como jornais, revistas, fitas de cinema, programas de rádio e televisão, constituem importante fonte de dados para a pesquisa social. Possibilitam ao pesquisador conhecer os mais variados aspectos da sociedade atual e também lidar com o passado histórico. Neste último caso, com eficiência provavelmente maior que a obtida com a utilização de qualquer outra fonte de dados.

Assim, ratificamos a importância da nossa pesquisa tanto pelo fato da abordagem da temática, preconceito linguístico, uma forma de preconceito tão evidente, pouco debatido no meio social (rodas de conversa, redes sociais, por exemplo), como pela importância no que diz respeito ao material escolhido para as discussões da temática, um material público, que tem um grande poder de propagar informações e, principalmente, de formar opiniões.

Do ponto de vista dos objetivos, nosso trabalho atende aos requisitos de uma pesquisa descritiva e explicativa. Gil (2008, p. 28) nos esclarece a respeito desses tipos de pesquisa:

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro

lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. [...] São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.

Esse tipo de pesquisa busca compreender práticas e interpretar o objeto de estudo a partir de uma nova perspectiva. Seguindo esse raciocínio, a presente pesquisa descreve um fenômeno e busca explicar razões para sua ocorrência.

As discussões estão em torno da notícia emitida pelo DN, publicada no site oficial do jornal online (LUZ, 2021)¹, e sua repercussão observada a partir dos comentários ao final da notícia. As seções da análise se baseiam a partir de diferentes pontos de vista a respeito do tema. O primeiro é a descrição e análise de trechos de falas de duas mães, que revelam as mudanças encontradas no vocabulário de seus filhos, e as atitudes tomadas mediante tais mudanças. O segundo subtópico analisa a opinião de uma educadora e uma terapeuta, diante do fato ocorrido em Portugal. No terceiro subtópico, analisamos o posicionamento do próprio jornal a respeito da notícia emitida. No quarto e último subtópico, analisamos alguns comentários de internautas expostos na caixa de comentários do jornal. Nesta seção, em meio a duzentos comentários (até o momento da coleta de dados de nossa pesquisa), destacamos nove comentários de internautas, através dos quais avaliamos se as opiniões denotam preconceito e/ou intolerância linguística. A notícia está disponível na íntegra ao final do trabalho (ANEXO).

¹ Disponível em: ["Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'" \(dn.pt\)](https://www.dn.pt)

3. A LÍNGUA PORTUGUESA: DO SURGIMENTO DA LÍNGUA AO SURGIMENTO DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Nosso objetivo nessa seção é explanar, primeiramente, pontos importantes a respeito da origem da língua portuguesa, até sua chegada ao Brasil. Posteriormente nos interessa apresentar conceitos que servirão de base para nossa análise, a respeito do preconceito e intolerância linguística.

3.1 Primórdios linguísticos: desenvolvimento da língua portuguesa até sua chegada ao Brasil

A língua falada no Brasil é o Português e para entender sua história e todo o processo que constituiu o cenário linguístico em 1500 e nos séculos seguintes, é importante saber que isso ocorreu a partir da mistura dos povos e, conseqüentemente, da mistura das línguas faladas por cada grupo. A partir daí nos questionamos: De onde vieram esses povos? De onde veio a língua falada por eles? Essas informações são cruciais para o entendimento da dimensão histórica do português. Antes de falarmos sobre os povos, vamos situá-los de onde se originou a língua trazida por eles.

A história da Língua Portuguesa iniciou muito antes do que imaginamos. A chegada ao Brasil foi apenas o marco de uma das várias fases da evolução de tal língua. Podemos começar, citando quando os Romanos ocuparam terras da Península Ibérica. Essa ocupação aconteceu em algumas etapas: a primeira ocorreu na Costa Mediterrânea no ano 218 a.C, durante a Segunda Guerra Púnica, uma das batalhas entre o Império Romano e os cartagineses; a próxima, ocorreu por volta de 130 a.C; mais adiante, mesmo com a resistência dos povos que ocupavam essas regiões, os iberos, em 27 a.C, os romanos ocuparam o Noroeste da Península Ibérica.

Entre a primeira e a última ocupação, se passaram quase dois séculos, um longo período, bastante significativo para a evolução da sociedade e, conseqüentemente, da língua. O latim foi trazido pelos Romanos, sua inserção se deu no Sul da Península, primeiro lugar a ser disputado com os cartagineses durante a Guerra Púnica.

Segundo Bortoni-Ricardo (2021), por muito tempo, os falantes autóctones ibéricos apresentavam diferentes graus de bilinguismo, pois predominava naquelas regiões, traços de duas línguas. A do conquistador, que era a língua trazida pelos Romanos, e os dialetos que já existiam na região invadida, chamados de substratos. Conforme o decorrer do tempo, muitos dialetos foram criados e a junção deles ficou conhecida como galego-português. A

autora cita ainda que o latim usado por pessoas comuns, ou seja, a língua das pessoas menos escolarizadas daquela época chamava-se latim vulgar e deu origem ao galego-português.

Posteriormente, a Península Ibérica foi invadida outras vezes. Os árabes se fizeram presente em tal território, dominando-o por volta de sete séculos. No século V, houve a invasão pelos povos germânicos e, mais adiante, no século VIII, a Península foi novamente invadida, desta vez, pelos mulçumanos, os quais implementaram sua língua como contínuo no território ocupado. Os iberos não se deixaram ser derrotados e, nos séculos X e XI, lutaram para reconquistar suas terras que tinham sido invadidas pelos muçulmanos. Essa luta ficou conhecida como Reconquista. Concluímos assim, que o galego português nasce em um ambiente bastante miscigenado, tanto linguisticamente, como culturalmente, revelando assim que o português, desde sua origem, não é uma língua pura.

Nos séculos XII e XIII da era cristã, o reino de Portugal foi criado. Neste período, houve vários movimentos políticos. O rei espanhol, Afonso VI de Leão e Castela, que reinou por quarenta e quatro anos (1065 a 1109), uniu-se a nobres franceses com intuito de expandir seus domínios. Segundo Faraco (2019), essa união fez parte de uma estratégia de enfrentamento aos muçulmanos. Entre esses ocorridos, Afonso IV concedeu a região do extremo noroeste peninsular, que ficou chamada de Condado Portucalense e corresponde no mapa, atualmente, ao centro e ao norte de Portugal, área onde se localiza os rios Mondego e Minho. Em questão da independência definitiva do Condado, segundo Bortoni-Ricardo (2021), os historiadores consideraram o Tratado de Badajoz em 1267 como marco da independência do Condado, pois Castela considerou a região do Algarve como território português. Apenas no reinado de D. Dinis (rei entre 1279 a 1325), a organização monárquica de Portugal foi alcançada.

O próximo avanço que vale ser citado, pois envolve conseqüentemente as línguas evidentes da época, se deu com as mudanças ocorridas no reinado de Afonso II, quando iniciou o edifício jurídico de Portugal, que tomou proporção nos séculos seguintes. Em 1211 foi criado o *Livro de Chancelaria*, que tinha como finalidade registrar os atos jurídicos e administrativos do reino. Faoro (1984 apud Faraco, 2019) menciona sobre a relevância dos letrados naquele período, durante o reinado de D. João I (1385 – 1433) em que as decisões políticas eram de alcance aos fidalgos, prelados, letrados e cidadãos. Contudo, os letrados, por meio de leis, ganharam ênfase perante os demais, e tinham mais acesso a essa área. Em meio a isso, veio a necessidade de divulgar para as pessoas, as leis criadas na época, então, houve um maior uso da língua vernácula, nativa da região ibérica.

Assim podemos perceber que ocorreram várias mudanças, tanto no uso da língua, quanto no quesito político e econômico, pois a expansão do mercado tornou necessária a expansão em outras áreas. Faraco (2019, p. 19) menciona exatamente, segundo sua concepção, as ações e consequências ocorridas naquela época,

A centralização política foi também trazendo para o centro das atenções a percepção de que era preciso enfrentar a fragmentação linguística, própria da ordem feudal. Passou-se a defender a doutrina de que um estado centralizado deveria ter também uma língua unificada. Em outras palavras, a centralização política fez com que se começasse a estabelecer vínculos entre língua e poder.

Neste sentido, entendemos que a sociedade sofreu influência linguística, como também a língua sofreu influência da sociedade. O primeiro passo para a ocorrência de centralização da língua, iniciou através da primeira gramática do castelhano (1492), criada por Antônio de Nebrija (1441–1522). Faraco (2019) cita que Nebrija dedicou sua escrita à rainha Isabel de Castela, apresentando-a com o seguinte enunciado: A língua é companheira do império.

A partir de 1492 até o próximo marco da evolução da língua, que foi após a Revolução Francesa em 1789, eventos desenvolveram políticas impositivas de uma língua, e apenas depois da Revolução isso acontece efetivamente. Esses eventos destacaram as línguas vernáculas e colocaram para segundo plano o uso do latim.

Com mais um salto no tempo, a chegada dos portugueses em nossas terras significou muito para a história da nossa língua. Os povos primários no território brasileiro, que usavam a língua tupinambá, os portugueses, que falavam o chamado português de Portugal, e os africanos escravizados, fizeram parte dos primeiros momentos na colonização do Brasil. Por volta do século XVII, foi criada, ainda, uma língua que proporcionasse as relações entre esses povos, a língua emergente chamada de brasílica, também chamada de língua geral ou franca. Podemos citar um exemplo de como esses povos se entrosaram e proporcionaram a transmissão de conhecimentos, principalmente a questão da linguagem, que foi o processo de evangelização, mencionado por Bortoni-Ricardo (2021, p. 16),

Pode-se dizer que a educação no Brasil originou-se no processo de evangelização dos habitantes nativos, a julgar pelo que diz nossa história oficial. Pelo menos foi com esse pretenso intuito missionário cristão que Portugal justificava o extermínio das populações locais e a imposição da língua e da cultura vigentes no seu extremo ocidente da Europa, nas terras descobertas no início do século XVI, mais propriamente em abril de 1500.

Posterior a isto, podemos falar sobre a polarização, que foi o próximo rumo que a história da língua tomou. A sistematização da Língua Portuguesa veio ainda de fora dos territórios brasileiros, porém passou por grandes mudanças em nosso território, resultado da miscigenação citada anteriormente, para, após, ocorrer a regularização no Brasil. Como afirma Bortoni-Ricardo (2021, p 30), “A padronização inclui a elaboração de gramáticas e de dicionários relativos à variedade erigida à condição de maior prestígio em detrimento de outras variedades que continuam a ser usadas, especialmente na modalidade oral.”. Ou seja, a língua escolhida para se tornar padrão, pelo menos em questão de nome, foi a trazida pelos portugueses, mas nem tudo que foi uniformizado era apenas pertencente a eles, pois, nesse momento, eles dividiam território com outros povos que tinham suas próprias línguas. O que podemos observar, também, é que a escolha sofreu influência por parte dos imigrantes, neste sentido, Bortoni-Ricardo (2021, p. 30) diz que,

Há países em que praticamente todos os falantes têm familiaridade com a língua padrão e a adotam quando o evento social assim o exige. Há outros em que somente um grupo de mais poder e prestígio domina a língua padrão. No primeiro caso dizemos que a língua padrão é associada ao contexto e, no segundo, que é associada ao grupo social.

Sendo assim, a padronização da nossa língua sofreu influência linguística por um grupo social, os portugueses. A autora explana ainda que “[...] em sociedade com menos democracia sócio econômica, a língua padrão costuma ser associada à classe ou grupo social.”. (BORTONI-RICARDO, 2021, p. 39). Esse trecho reforça a influência que os Portugueses exerceram sobre os demais povos que se encontravam no território brasileiro naquela época, principalmente, quando o trecho se refere ao grupo social, podemos nos lembrar de que neste período, nosso país era colônia de Portugal.

É válido notarmos que os anos se passaram e que a sociedade se modifica em diversos aspectos. Com a força da classe social elevada e domínios territoriais, Portugal se sobressaiu, também, linguisticamente, e a Língua Portuguesa passou a ser modelo dentre as demais existentes naquela época, a chegada da família real no Brasil, proporcionou a influência do português em nosso país.

3.2 Preconceito e intolerância linguística

Após abordar o processo de avanço da Língua Portuguesa, notamos a necessidade de refletir a respeito do preconceito e a intolerância linguística, sabendo que é algo comum, assim como diz Bagno (2015), e que vem crescendo de maneira expressiva. É

importante lembrarmos que, no Brasil, existem muitas outras línguas, porém, a grande maioria da população é falante da língua portuguesa. O português goza de maior domínio no país, mas, mesmo sendo o idioma oficial, apresenta muitas variações, ou seja, não há uma uniformidade nem mesmo na língua considerada oficial. Assim, as diferenças na linguagem favorecem o preconceito devido a vários fatores internos e externos.

Nesse subtópico tratamos de noções importantes que nos ajudam a responder os questionamentos que direcionaram a proposta de nossa pesquisa. Para isto, primeiramente, é necessária uma avaliação dos conceitos que nomeiam esta seção, para assim, refletirmos sobre nossa temática.

Inicialmente podemos nos lograr de algumas das considerações da autora Marli Quadros Leite, que opina sobre o preconceito e intolerância na linguagem. Leite (2021, p. 25) aflora nossas reflexões sobre o preconceito, quando aponta que: “Sob certo ponto de vista, somos todos, hipoteticamente, ‘preconceituosos’, já que agimos e interpretamos o mundo de acordo com a nossa formação ideológica.”. Somos preconceituosos se ignorarmos que existem formas diferentes de ser e de agir, em diversos aspectos, como religião, crenças, hábitos, política, linguagem etc. Portanto, ao nos depararmos com diferenças, automaticamente, geramos uma ideia preconceituosa em torno do diferente.

Conforme Leite (2021), o preconceito não surge exatamente de oposição, pode ser o simples ato de “não gostar”, “rejeitar”, sem razão e sem se manifestar. O preconceito, basicamente, é a ideia individual, não verbalizada, sem vestígios de opinião. Bobbio (1992 apud LEITE, 2021, p.22) esclarece ainda que: “O preconceito, portanto, não tem origem na crítica, mas na tradição, no costume ou na autoridade. Pode o preconceito redundar em uma discriminação, mas não se manifesta discursivamente sobre argumentos que visam a sustentar ‘verdades’.”. No entanto, o preconceito caracteriza-se por um julgamento não manifestado discursivamente, assim é o conceito defendido por Leite (2021). É importante trazer para nossa pesquisa abordagem da autora sobre o significado de *preconceito* e de *intolerância*, para que, assim, saibamos detectá-los em qualquer situação.

A intolerância, mesmo que seja, pelos leigos, algo confundido com o preconceito, se difere por carregar em seu significado a manifestação discursiva. Enquanto no preconceito o sujeito que observa determinado elemento gera uma opinião a partir dele, mas não a verbaliza, quando se trata de intolerância, a opinião é discutida e defendida. Segundo Leite (2021, p. 20),

Um exame um pouco mais detido, contudo, pode mostrar que *preconceito* é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo a *intolerância*, à

atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de não reagir com violência ou agressividade a certas situações.

Neste sentido, a autora interpreta a intolerância como algo carregado anteriormente de preconceito, posteriormente, da não tolerância, ou seja, que é esclarecido e discutido sem atender nenhum acordo ou atitude tolerante. É pertinente sabermos distinguir os conceitos ao pensarmos nas situações que podemos nos deparar, e que necessitarão do nosso julgamento, em especial, é de grande importância sabermos atribuir o julgamento correto sobre a temática que estamos abordando nesse trabalho.

Podemos, então, citar e refletir como o preconceito e a intolerância são evidentes na linguagem como um todo. Podemos citar como exemplo, as variedades linguísticas presentes em nosso país, o que não é suficientemente esclarecido ou bem compreendido por todos os falantes, gerando primeiramente preconceito, como também, existe casos de intolerância.

Além de existirem vários países que falam a Língua Portuguesa, cada um com sua particularidade no uso da fala e regras gramaticais, existem regiões dentro desses países que tem sua própria forma de falar. Nelas, existem pequenos ciclos, comunidades, que falam Português de maneira mais particular ainda, e isso é normal, mas até que todos os falantes de diferentes variações do português entendam o estranhamento, o chamado preconceito ou intolerância linguística. Esse conflito pode ser identificado até mesmo em estudos que afirmam que nossa língua é uniforme, contribuindo para confundir, ainda mais, o entendimento sobre o tema. Podemos observar, como exemplo, uma afirmação de Ribeiro (2011, p.9) que se contrapõe à opinião de outros linguistas: “É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguisticamente e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos.”. Ou seja, em sua convicção, o português brasileiro é uniforme. Segundo Ribeiro (2011), é como se os falantes dos mais extremos pontos do país, compartilhassem da mesma linguagem, sem nenhuma mudança, o que é ilusório aos olhos do linguista Carlos Alberto Faraco, que interpreta a língua de outra forma, perceptível no seguinte trecho,

A dinâmica da língua (a “vida” da língua, como alguns dizem) se materializa na grande rede de relações sociais constitutivas de uma sociedade. Como a sociedade é heterogênea, contraditória, simultaneamente integrada e fragmentada e em constantevir, assim também é a língua. (FARACO, 2019, p. 37)

Dessa forma, interpreta-se que sua visão se contrapõe à visão de Ribeiro (2011). A Língua Portuguesa, segundo Faraco (2019), é considerada como heterogênea, assim como a sociedade está sempre em mudanças, a heterogeneidade existente nesse meio, seja cultural, social, econômica ou geográfica, corrobora para a evolução e existência das variações linguísticas. Acreditar que existe uma única língua em um país tão grande como o Brasil é o primeiro passo para gerar o preconceito, tendo em vista que as diferenças são incontestáveis.

Além disso, o que fortalece o preconceito linguístico além da falta de percepção das variações que existem em territórios, de grandes ou pequenas extensões, é a aproximação e admiração exagerada que os falantes dedicam à gramática. Pode-se dizer que há uma tentativa de padronização, segundo a qual a língua falada deve ser o “retrato” da escrita. Esta é uma concepção errônea daqueles que pensam que é assim que a Língua Portuguesa deve ser usada. Bagno (2020, p. 160) afirma que,

As gramáticas normativas tentam ser um molde. Só que o uso que se faz delas, em geral, é uma costura às avessas. Em vez de pegar o molde para, com ele, cortar o tecido e depois montar o vestido, os normativistas, e o ensino tradicional baseado neles, fazem o contrário: pegam um uso real e concreto de língua (um vestido já pronto) e vão medir e avaliar esse uso para ver se ele está de acordo com o molde preestabelecido.

A comparação entre o oral e a escrita é um passo desequilibrado que não deveria existir, e abre espaço para o confronto entre elas. Digamos que a língua escrita seja uma espécie de molde para orientar a língua falada, pois logicamente existe uma aproximação perceptível, por exemplo, quando lemos uma palavra em um momento, e quando nos lembramos, e, a pronunciamos em outra ocasião, seguimos as regras gramaticais nas quais já conhecemos. Isto é algo comum entre as pessoas letradas, que tiveram a oportunidade de estudar, geralmente, pertencentes a grupos sociais mais bem favorecidos, que tem mais contato com a escrita, comparado a pessoas iletradas. Bagno (2020, p.20) salienta que,

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante.

Diante disso, é perceptível que a língua não pode ser compreendida como única, ou seja, não existe apenas uma maneira correta de usá-la, é necessário analisar e considerar todos os aspectos externos em que os falantes estão inseridos, como também, compreender que a língua está em um movimento constante. O contexto social e comunicativo não pode

ser desconsiderado, quando o foco é uso da língua, pois eles possuem grande influência na formação dos usuários.

Ademais, as diferenças que existem em nossa língua falada, tratam-se das variações presentes no Português e não em erros que se desviam da norma-padrão. Existem inúmeras diferenças na Língua Portuguesa dentro de um país que possui o Português como idioma. As diferentes regiões que compõem o território brasileiro e a influência de diversos fatores contribuem para que existam variações dentro de uma mesma língua, gerando, muitas vezes, preconceito e a intolerância entre os falantes.

A partir disso, não seria diferente a presença das variações, das mudanças e do preconceito linguístico entre um país e outro que dividem o mesmo idioma, como é o caso do Brasil e Portugal. Este é outro exemplo que podemos citar, a respeito do preconceito e intolerância na linguagem, a variação linguística entre países.

Devido à influência que sofremos dos portugueses, muitos brasileiros enxergam o Português como uma língua ainda pertencente a Portugal, e, por esse motivo, as mudanças não são bem vistas. Isso acaba afetando gerações que passam a pensar dessa mesma forma, um exemplo, é o seguinte trecho publicado no jornal *Correio Braziliense* (19 fev. 1995) e assinado por André Gustavo Stumpf:

O *Correio Braziliense* passa a publicar, a partir de hoje, uma seção de críticas ao idioma português falado e escrito por autoridades brasileiras em discursos, entrevistas e documentos. A seção vai se chamar *A última do português* e não deve ser entendida como uma alusão aos nossos irmãos do além mar, que falam o idioma melhor que os brasileiros [...]. (STUMPF, 1995 apud BAGNO, 2021, p. 43).

Analisando cada trecho desse segmento, podemos imaginar a proporção de uma ação como esta, pois é no mínimo negativo se pensarmos na construção de conhecimento (destorcido, diga-se de passagem) que cada leitor teve a respeito da nossa língua. Podemos, então, sinalizar alguns desacertos cometidos pelo jornal. O primeiro é o próprio ato de criar uma seção exclusivamente para criticar nosso idioma. O segundo pode ser identificado no título da seção, chamada *A última do português*, que deve ser entendida como uma alusão a um constante descumprimento de regras do português brasileiro, e que sempre terá algo para ser criticado. Em terceiro, percebemos a justificativa do jornal de que a nova seção não deve se referir aos portugueses, já que a interpretação do título poderia se referir “aos nativos de Portugal”. O colunista explica que “não deve ser entendida como uma alusão aos nossos irmãos do além mar, que falam o idioma melhor que os brasileiros”, uma afirmação nitidamente preconceituosa com os brasileiros. É interessante observar que o jornal

menciona os portugueses como nossos irmãos, o que nos leva a entender que existe uma relação muito próxima, e que compartilhamos da mesma língua, sem alteração alguma, por isso, vem a comparação entre quem fala o idioma melhor. Portanto, vemos que uma simples criação, humorística talvez, divulgada por um emissor de tão grande proporção, pode se tornar responsável por disseminar várias noções equivocadas sobre a língua portuguesa. Fatos como este reforçam a ideia de que nossa língua ainda tem relação com a língua falada e escrita em Portugal, desencadeando o preconceito sobre nossa língua, o PB.

Outro exemplo que mostra como a opinião sobre nossa língua é bastante relacionada com a língua usada em Portugal, é vista no trecho a seguir, de Duarte (2021 apud BAGNO, 1998, p 65): “Sempre me perguntam onde se fala melhor o português. Só pode ser em Portugal! Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem.”. Vejamos mais um exemplo de como a Língua Portuguesa é entendida. Bagno (2020) opina que não devemos culpar o autor, pois antes é mais uma vítima do que mesmo um responsável pelo preconceito.

Diante das ideias que existem a respeito da Língua Portuguesa, da ideologia que prega a dependência linguística a Portugal, surge, então, rumores de que brasileiro não sabe falar Português, apenas portugueses falam bem tal língua. Contudo, mais uma vez Bagno (2020, p 43) defende que o brasileiro sabe falar português,

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal.

Vemos, então, como a questão de nossa língua ter herdado o nome de outra é causadora de preconceitos que insinua que nosso Português é errado por ser diferente do português existente no país de origem de um dos grupos que fez parte da história do nosso território no período colonial. Não tem motivo para comparar a nossa língua com a língua de Portugal, temos justificativa para argumentar contra qualquer comentário comparativo negativo existente. Bagno (2020, p. 43) ainda aponta que,

Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferenciam da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguístas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais preciso e marcar bem a diferença.

Sabendo da longa história da Língua Portuguesa, de todo o percurso até chegar a nosso território, sobretudo, depois da independência do Brasil, é possível admitir que hoje não tenhamos dependência linguística, o que temos é a história que revela o contato entre as colônias, que hoje são países. Vale ressaltar que, certamente, o pequeno trecho retirado do Correio Braziliense revela e representa, também, a opinião de muitos brasileiros em relação a nossa língua, e vale ser tratado com urgência, pois conceitos assim reproduzem erros e reforçam o preconceito.

É notória a diferença que existe entre a Língua Portuguesa (Português Europeu) e a Língua Brasileira (Português Brasileiro), em decorrência dos inúmeros fatores culturais que envolvem esses países. Diante disso, a intolerância com essas divergências entre as pronúncias do português revelam um pensamento de superioridade que alguns falantes de Portugal acreditam existir sobre os falantes do português brasileiro. Como bem lembra Leite (2021, p.14), “a metalinguagem intolerante (ou preconceituosa) camufla (ou denuncia) outros preconceitos, de todas as ordens. Isso significa que o preconceito ou a intolerância não são somente linguísticos, são também de outra ordem (social, política, religiosa, racial etc.)”. Dessa forma, não resta dúvida de que o preconceito linguístico instaurado contra o Brasil, quando feitas as comparações com o Português Europeu, tem como ponto de partida as questões históricas, sobretudo as condições de colonização que marcam o início da formação do país, e as condições sociais, que envolvem, entre muitos outros fatores, o rótulo de país subdesenvolvido em relação ao país desenvolvido, localizado na Europa.

A proposta de mostrar uma linha do tempo apresentando o desenvolvimento da Língua Portuguesa até sua chegada ao Brasil serve para que o leitor de nossa pesquisa entenda que o Português falado no Brasil sofreu grande influência por parte dos portugueses, mas não apenas os portugueses participaram dessa história, outros povos e suas línguas também contribuíram para a língua que temos hoje, portanto, não devemos comparar o PB ao PE. Além disso, temos nossa independência linguística, mais um motivo para não haver comparação, pois cada país tem sua língua, suas variações, e todos os aspectos que compõem uma sociedade, nos quais colaboram para mudanças no vocabulário ali falado. Por último apresentamos um ponto a respeito do preconceito e intolerância linguística, debatendo conceitos, bem como, o quanto essa forma de preconceito é presente no meio social, como também, o quanto ela é antiga e enraizada. As abordagens defendidas nessa seção fundamentam nossa análise que será tratada na seção a seguir.

4. A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA FALA DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS: ANÁLISE DA NOTÍCIA E DA SUA REPERCUSSÃO

No ano de 2021, o Diário de Notícias (DN), jornal de origem portuguesa, emitiu a seguinte manchete: “*Há crianças portuguesas que só falam brasileiro*”. Esta notícia tratou de anunciar um caso polêmico em Portugal, que tomou proporção, não apenas por citar mudanças no vocabulário das crianças portuguesas, mas, também, pelas providências tomadas a partir das tais mudanças, que inclusive, chamou a atenção de nativos brasileiros. Segundo os pais portugueses, essas mudanças se deram a partir do isolamento social, decorrente da pandemia COVID 19², sendo assim, o impedimento de tarefas fora do lar tornou a internet um lugar propício à distração, principalmente, de crianças e adolescentes.

O DN apresentou o caso da influência do *youtuber* brasileiro Lucas Neto, que lotou as bilheteiras e se tornou ídolo de crianças de Portugal. O jornal explica, ainda, o ponto de vista dos pais, professores e especialistas, que dividem opiniões apresentando o caso como preocupante ou caso relativo.

Em nosso trabalho, analisamos a notícia detalhadamente nesse item. Além de analisarmos a ação dos pais portugueses, se há teor preconceituoso e intolerante por parte deles, observamos, também, como o DN trata e anuncia o caso analisado e como os internautas se posicionaram sobre o acontecido.

A notícia será analisada nesta seção e dela são extraídos os diferentes pontos de vista a respeito do tema. O primeiro é sobre as atitudes tomadas pelos pais portugueses, mediante as mudanças linguísticas dos filhos, o que é apurado no subtópico a seguir. O segundo ponto que analisamos é em torno da opinião dos educadores e especialistas perante o fato ocorrido em Portugal. Mais adiante, buscamos compreender o posicionamento do jornal a respeito do que anunciaram. E, por último, analisamos comentários dos internautas feitos na caixa de comentários do jornal. A notícia está disponível na íntegra ao final do trabalho (ANEXO).

4.1 Opiniões dos pais

O ponto de partida para nossa análise é a notícia original, como dito anteriormente, que explica o acontecimento. Nesta seção, trazemos os depoimentos de alguns pais sobre o que ocorreu no país relacionado à linguagem e às crianças. Vejamos alguns trechos:

² Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), COVID 19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-Cov-2, que se manifestou mundialmente no final do ano 2019. Mais informações disponível em: [Folha informativa sobre COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](https://paho.org)

“Todo o discurso dele é como se fosse brasileiro. Chegámos ao ponto de nos perguntarem se algum de nós era brasileiro, eu ou o pai” conta ao DN a mãe, Alexandra Patriarca, numa altura em que o pequeno seguidor de Luccas Neto já frequenta sessões de terapia da fala. (Alexandra Patriarca, mãe de Antônio).

Como é possível ler na parte final desse trecho, o filho da entrevistada Alexandra passou a frequentar sessões de terapia da fala, depois das mudanças ocorridas após a exposição à internet. Prates e Silva (2011) relatam que o profissional desta área abrange as seguintes demandas:

Representa em Portugal os Terapeutas da Fala – profissional responsável pela prevenção, avaliação, diagnóstico, tratamento e estudo científico da comunicação humana e perturbações relacionadas com a Fala e a Linguagem bem como alterações relacionadas com as funções auditiva, visual, cognitiva (incluindo a aprendizagem), oro-muscular, respiração, deglutição e voz.

Vejamos que a situação é tratada como um problema, necessitando de uma solução, de um tratamento adequado. Alexandra ainda disse que:

“Neste momento estamos num processo de tratamento como se fosse um vício. Explicámos-lhe tudo, que ele não podia ver porque isto só o prejudica. E já notamos que está muito melhor. O que tentamos fazer agora é brincar mais com ele, bloqueamos alguns conteúdos, deixamos apenas a Netflix tudo que é em português de Portugal”. (Alexandra Patriarca, mãe de Antônio).

Se a informação sobre a atitude de tratar as mudanças na fala das crianças já nos causa impacto, atribuir a este caso o tratamento de algo relacionado com vício gera mais estranheza ainda e revela intolerância por parte deles. Segundo o dicionário Aurélio (2001), o conceito de vício é: “1. Defeito grave que torna uma pessoa ou coisa inadequada para certos afins ou funções. 2. Inclinação para o mal. 3. Conduta ou costume nocivo ou condenável.” Compreendemos que o entendimento dos pais sobre a aquisição de palavras do PB é algo que vai muito além do aprender, é algo chamado de problema e que, segundo eles, o mais eficaz é tratar, e caso o contato não seja evitado, isso continuará a prejudicar suas crianças, tornando-as com costumes inadequados.

O fato de tomar tais atitudes, sobre tratar o que eles chamam de vício e evitar ver conteúdos brasileiros já trouxe melhora para as crianças, segundo Alexandra Patriarca. Na continuidade da análise, nos atentamos às providências que, pelo menos essa mãe, tomou com seu filho em casa, que foi bloquear o acesso a conteúdos brasileiros e brincar mais com a criança. Essas foram medidas tomadas com o único intuito de evitar que seu filho falasse palavras do PB. Sendo assim, compreendemos que tais atitudes se classifiquem como intolerantes.

Diante dessa tomada de atitude, que é a de buscar tratamento, entendemos que seja para a correção de algo de errado, e, nessas condições, Leite (2021, p. 22) esclarece que “[...] a intolerância [...] nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. “É resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas.”. No depoimento da mãe, visto acima, a intolerância se manifestou através da prática, com a qual a família tenta contornar mudanças lexicais aderidas pela criança. Então, comprovamos que a família foi, primeiramente, preconceituosa, por atribuir o conceito de correto ao Português de Portugal, língua nativa deles, e, posteriormente, intolerante, por tratar a situação como um problema e buscar solução.

Mais adiante, outro relato nos chama a atenção, descrito no seguinte trecho:

“Laura não diz que vê um polícia na rua mas sim um policial, a relva é grama. Come tudinho. Já Iara pediu à mãe uma bala no supermercado e “isso foi um sinal de alarme”, conta ao DN Ana Marques, que no mesmo dia percebeu que “não podiadeixá-la sozinha com o tablet, porque apesar de ser muito autónoma, só tinha quatro anos”. (Ana Marques, mãe de Mariana, Laura e Iara)

Neste momento, nos perguntamos: se os pais compreendem as palavras ditas pelo filho, então, por que querem alinhá-las de acordo com a língua nativa? Percebamos que as mudanças nas palavras não perdem tanto o sentido, pois são, por muitas vezes, semelhantes e de fácil interpretação. Na troca do uso da palavra, polícia e policial, por exemplo, os pais sabem o que a criança está falando, ou seja, não altera a comunicação entre os envolvidos, mas mesmo assim não aceitam essas mudanças. O fato de as relatarmos e não tolerá-las significa uma atitude intolerante, de acordo com a perspectiva de Bobbio (1992 apud LEITE, 2021, p. 21), segundo o qual “A intolerância [...] refere-se à incapacidade de o indivíduo conviver com a diversidade de conceitos, crenças e opiniões.”. No caso analisado na nossa pesquisa, se trata da incapacidade da família de conviver com as mudanças lexicais de seu filho.

O caso da criança Iara ter pedido bala em vez de rebuçado significou um sinal de alerta para sua mãe, pode-se perceber que a chegada dessa mudança para os pais das crianças significou um problema tão grande que chega a ser um caso de perigo, pois, segundo eles, este é um sinal de alerta. Até mesmo quando é mencionado que a criança não podia usar o *tablet* sozinha, quer dizer que o problema da aquisição de novas palavras é mais grave do que mesmo os perigos do uso da internet para menores, sem o acompanhamento de um adulto por perto. Assim, entendemos que, até o momento em que os pais perceberam que sua filha de quatro anos estava em risco, ao usar, sem o acompanhamento de um adulto, um equipamento aberto à exposição de inúmeros

conteúdos, a criança poderia estar em contato com, por exemplo, conteúdos de estímulo à violência e ódio, *cyberbullying*, assédio sexual e tantos outros malefícios provenientes das telas desprotegidas. Porém, o que fez os pais portugueses perceberem que não era correto, seus filhos usarem a internet sozinhos, foi o uso de novas palavras, essas sendo do mesmo idioma que falam, mas falado em outro país, o Brasil.

É notável que os pais portugueses sentiram-se ameaçados ao ver que seu modo de falarestava em risco, mas o fato de seus filhos estarem expostos a problemas sérios, como os exemplos citados acima, não era o risco maior. Pelo menos, agora, a segurança oferecida por eles ao acompanharem de perto o que seus filhos assistem, vai servir, também, para livrá-los de males da web.

No mesmo parágrafo do trecho analisado acima, destacamos o seguinte relato:

Antônio da mesma idade, começou a dar sinais de alerta há algum tempo. A princípio, a família até achava uma piada a forma como ele falava as expressões brasileiras. Mas à medida que o tempo foi passando, a educadora de infância começou a preocupar-se e foi dando sinais, porque o menino não conseguia dizer osr”s nem os l”s.” (Alexandra Patriarca, mãe de Antônio).

Vejamos, então, que essa mãe também menciona o tal “sinal de alerta”, ao se referir sobre as mudanças na linguagem das crianças portuguesas, o que mostra ser uma opinião compactuada e fortalecida entre várias pessoas.

O próximo ponto desse trecho, que vale ser analisado é a parte na qual a entrevistada cita que a “*família até achava alguma piada a forma como ele falava as expressões brasileiras*”, isso pode significar, que a forma como os brasileiros falam é tão incomum para eles, que qualquer expressão usada, principalmente por parte de uma criança, é motivo de risos. Além do mais, a forma como eles receberam, a princípio, essas mudanças, é tão estranha que eles acharam que se tratava de uma piada, pois era algo improvável de acontecer, ou, se acontecesse, seria uma brincadeira. Essa reação de achar que não é real o que está acontecendo, que para alguns pode se tratar de uma fase, para outros é real e necessita de tratamento, pode representar um indício de preconceito que os pais portugueses têm a respeito de mudanças do PE para o PB.

4.2 Opiniões de professores e especialistas

No subtópico *Expressões soltas ou discurso total?* O próprio DN menciona, indiretamente, o argumento de uma educadora ao avaliar o caso divulgado. Vejamos, a seguir, suas reflexões sobre os impactos dessa influência ao se tratar da aprendizagem da língua das crianças portuguesas:

Mas não é fácil chegar aí. A educadora Ana Sofia Alcobia sabe bem disso. Nos 17 anos que leva de profissão não se recorda de um momento profissional tão desafiante como este que agora atravessa, à contar deste duplo impacto: os conteúdos da internet e o uso da máscara, e os efeitos que terá na aprendizagem da linguagem por parte dos mais novos.

Existe uma preocupação coletiva, tanto dos pais, que tomaram providências ao notarem as mudanças lexicais na linguagem dos seus filhos, quanto da escola e dos seus profissionais, que estão sendo surpreendidos com a quantidade de obstáculos que enfrentam para efetivar a aprendizagem da língua. Em uma breve reflexão a respeito dos conteúdos da internet, podemos identificar que existiu um avanço tecnológico nos últimos anos que refletiu na linguagem e isso é para eles um ponto negativo. Foi através da tecnologia, das telas cada vez mais acessíveis, que as crianças portuguesas tiveram contato com o PB. Assim entendemos que anos antes, talvez, não havia maneiras mais evidentes de uma variação do Português penetrar em Portugal, mas, agora, depois do fácil acesso à internet, principalmente por parte das crianças e suas buscas por entretenimento, há sempre possibilidade de um contato maior.

Podemos observar, também, que o DN traz a opinião de uma terapeuta, Bruna Antunes, que argumenta sobre o caso estudado:

Nestas idades muito tenras eles são um diamante em bruto, e por isso é preciso termos em atenção que absorvem tudo com muita intensidade. É muito importante que os pais percebam o que é que eles veem, se é ou não supervisionado. Talvez seja importante começarmos precisamente por aí, por fazermos com as famílias um trabalho de capacitação. (Bruna Antunes, Terapeuta).

No trecho acima, a terapeuta compara as crianças com um diamante bruto, ou seja, ela quer dizer que essa idade é ideal para esculpi-las de acordo com as concepções de quem as cria e educa. Assimilamos que o cuidado sugerido pela terapeuta deve acontecer com o intuito de moldá-los, nesse caso, se estendendo aos ensinamentos a respeito da língua, tanto na forma como se fala, como na cultura de preservação do idioma, para que o mantenha o mais inalterável possível, assim, as próximas gerações, conseqüentemente, podem manifestar o mesmo cuidado com a língua. Percebemos que a recomendação é que os pais tenham atenção em seus filhos, para evitar que problemas, nesse caso, mudanças lexicais, venham a acontecer. Nesse sentido, é perceptível que essa situação além de ser remediada, ela pode ser, também, evitada, o que revela, mais uma vez, um traço preconceituoso e intolerante, tanto pela indicação do tratamento, como pela indicação da prevenção.

A terapeuta ainda complementa: “os pais até acham piada, porque é engraçada esta ou aquela expressão, riem-se, e depois é difícil travar”. É mencionado que a forma

como as crianças portuguesas falam o português brasileiro é uma piada. Esta opinião nos possibilita entender a situação de duas formas: a primeira, ao compreender que eles, de fato, não gostam do sotaque do PB, e isto acaba sendo interpretado como uma ridicularização; segundo, que é tão incrédulo que riem do que veem. De qualquer forma, resta-nos interpretar como sendo uma atitude intolerante.

Mais à frente, no tópico *Relativizar é preciso, tal como as novelas*, o DN menciona o argumento da professora de linguística, coordenadora da licenciatura em comunicação e mídia, Catarina Menezes, também educadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria. Assim, como o próprio subtópico propõe, neste item da notícia, a professora relativiza: “*por forma a podermos desdramatizar um bocadinho os cenários*”, diz ela ao introduzir sobre o caso estudado. Seguidamente, a educadora esclarece seu ponto de vista dizendo que:

Quando eu era menina havia o mesmo pânico social com os livros do tio Patinhas, que era traduzido em português do Brasil. Lembro-me bem da minha professora do primeiro ciclo ter esse pânico. A mesma coisa quando apareceram as novelas... que eram completamente massificadas. Ora, eu acho que esta discussão dos youtubers não é muito diferente. (Catarina Menezes, professora de Linguística e educadora).

Em sua fala, Catarina Menezes apresenta uma reflexão baseando-se em um caso semelhante que aconteceu em sua infância, ao fazer referência a uma professora que tinha pânico quando se deparava com a situação naquele momento. Essa informação nos faz entender, que esse receio sobre a aprendizagem do PB, por parte dos portugueses, não é algo recente, é um preconceito estrutural sócio-histórico arraigado, podendo ser entendido através da informação de que gerações anteriores já passaram por algo semelhante. No próximo trecho, Catarina compara o caso da influência do *youtube* com a influência gerada pelas novelas épocas atrás. O que entendemos a partir disso é que se as novelas não causaram problemas relacionados à linguagem, não há necessidade de tanta preocupação com o que está acontecendo no presente.

De forma geral, notamos que o desconforto gerado com o uso do PB em Portugal é algo comum, mas que não é visto como natural. O fato da inquietação dos pais ter tomado tamanha proporção, nos indica que não se trata de fatos isolados, mas sim de uma apreensão de um número considerável de pessoas. Essa hipótese é reforçada no momento em que a educadora recorda que uma professora de sua infância já passou por esse “pânico”. No caso desse posicionamento frente da problemática, mesmo relativizando, podemos ver que existe preconceito e, nesse caso, relacionamos ao que Bagno (2020)

afirma sobre o sujeito ser mais vítima do que propriamente um responsável pelo preconceito.

Não encerrando seu ponto de vista com o trecho analisado acima, Catarina Meneses ainda menciona o seguinte:

Gosto sempre de relativizar um pouco, face a estes contextos", sublinha a professora, embora - até como mãe - registre a preocupação com "os tempos de exposição, sobretudo em idades muito tenras. Porque no caso dos adolescentes é temporário, passa muito rapidamente, mudam para outras coisas em pouco tempo. Agora, nos mais pequenos, quando começam a ser consumos já muito viciantes, é complicado". (Catarina Meneses, professora de Linguística e educadora).

Entendemos que a questão da exposição pode ser um problema maior, a depender da idade da criança, segundo a entrevistada. No caso de adolescentes, podemos dizer que “o problema vem e vai”, pois mudam suas atenções para outros elementos com o passar dos dias, porém, entendemos, a partir da opinião da educadora, que o mesmo não ocorre quando se trata de idades menores, pois é identificado um consumo vicioso, sendo assim, apontado como complicado, diz ela. Sabemos que é difícil tratar o vício, seja ele qual for, mas devemos nos atentar que estamos analisando uma problemática a respeito da aquisição de palavras do português brasileiro e vemos que o assunto, até o momento, é tratado como um problema que necessita rapidamente de uma solução. No entanto, Catarina Menezes explica, ainda, que estas linguagens poderiam ser interessantes. Vejamos no trecho a seguir:

Eu penso que poderia ser interessante incorporar estas linguagens na escola. Porque elas podem ser desconstruídas e trabalhadas. Podemos ver como é que palavras diferentes podem designar uma mesma realidade, sobretudo em diferentes contextos culturais. E às vezes até na própria sala de aula, porque aí também existe uma interculturalidade que não existia", enfatiza. "E não é preciso dramatizar, porque tudo faz parte da vida da língua: há palavras que são transitórias, mas também há palavras que vão ficando e são incorporadas pela própria língua." (Catarina Menezes, professora de Linguística e educadora).

A educadora como uma professora de linguística demonstra ter conhecimento sobre variação linguística e também transmite que a aquisição de palavras é lucrativa. De todas as falas citadas pelo DN, esta foi a mais inclusiva, pois sua sugestão é diferente das demais mencionadas. Menezes avalia o fato como algo proveitoso, natural, sendo este um momento de conhecimento cultural, que servirá para o desempenho de um bom trabalho na sala de aula e não a busca pela solução de um possível problema.

4.3 Como o jornal trata e emite a notícia

Mesmo identificando o texto da notícia como sensacionalista, não podíamos deixar de observar a influência do jornal sobre a repercussão do fato ocorrido, e principalmente, a impressão que o mesmo deixou.

A princípio, destacamos alguns pontos importantes para refletirmos. O primeiro está nas primeiras palavras da manchete, que enuncia a seguinte frase: “*Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’.*” (LUZ, 2021) Percebamos que o uso do *só* carrega o sentido de que elas, as crianças, optaram por falar apenas *brasileiro*, o que também causa estranhamento, pois no desenvolvimento da notícia, os pais revelam algumas palavras que as crianças aderiram, ou seja, se trata, na maioria das vezes, de palavras, e não de um uso por completo do *Português Brasileiro*. Também, o uso da aspa na palavra *brasileiro*, revela um destaque a oposição com os portugueses. No mesmo trecho, nos chama a atenção, ainda, o fato de citarem sobre o PB apenas como “brasileiro”, sendo, esta, uma forma sugestiva de dizer que nossa língua, poderia ter outro nome.

No primeiro parágrafo, são mencionadas algumas das palavras que as crianças portuguesas aderiram, em seguida, a notícia revela: “*as opiniões de pais, professores e especialistas dividem-se entre a preocupação e os que relativizam, por considerarem tratar-se de uma fase, como aconteceu as novelas.*”. (LUZ, 2021). Isso também nos chamou a atenção, pois é clara a existência da preocupação, um dos pontos centrais que nos inquieta em nossa pesquisa. Além disso, fica clara a divisão da situação entre os “preocupados” e os “preocupados, mas nem tanto”. Enquanto alguns se preocupam com a aquisição de palavras do PB, outros imaginam que se trata de uma fase passageira, e que, o que está causando preocupação, logo passará, ou seja, alguns se preocupam com as consequências e outros notam que o problema não vai muito longe, portanto tudo se resulta em problema.

No trecho a seguir, vemos o discurso do próprio jornal ao citar sobre o ocorrido:

O espetáculo estava classificado como para maiores de 6 anos, mas as crianças a partir dos 3 anos ou mais podiam assistir "desde que com o bilhete e acompanhadas por um adulto". A informação constava na página do pavilhão Altice Arena desde que (finalmente) foi confirmado o espetáculo de Luccas Neto, o youtuber brasileiro que no último fim de semana esteve em Portugal para delírio dos mais pequenos. Percebe-se facilmente a indicação. Afinal, são dele os vídeos que a maioria das crianças portuguesas vê nos ecrãs de tablet, computador ou telemóvel. E falamos de crianças que têm precisamente essa idade. Numa altura em que ainda estão a aprender a falar.

Como é possível perceber, o jornal enfatiza a espera tão aguardada para esse

espetáculo, pois ele já havia sido adiado por dois anos, devido à pandemia. Além de dar ênfase à espera, destaca-se a informação a respeito da idade do público infantil, crianças a partir de 3 anos, “*numa altura em que ainda estão a aprender a falar*”. Essa observação reforça que é um momento propício para aprender, porém estão aprendendo mais sobre uma língua que não é a deles.

4.4 Repercussão: impressões dos internautas brasileiros e portugueses

Em meio aos duzentos e dezoito comentários de internautas na caixa de comentário da notícia, até a data da coleta de dados, não foi difícil selecionar alguns para analisar. Diante disso, analisamos, nessa seção, comentários representativos de internautas que exaltam o Português de Portugal, revelando preconceito com o Português Brasileiro, e também comentários que defendem o Brasil e o português brasileiro.

Dentre os duzentos e dezoito comentários principais, a maioria defende o Brasil, ao mesmo tempo critica a forma como os portugueses reagiram ao acontecido em Portugal. Uma quantidade bem menor defende, ou melhor, concorda com os portugueses. Um grupo ainda menor não toma partido e acrescenta comentários fúteis. Outras pessoas criticam o jornal por expor algo irrelevante, e outras criticam o grande sucesso de Lucas Neto entre as crianças, algo que não era para existir. Ao todo esse número, possivelmente, dobre ou até triplique, visto que, em cada comentário principal, existem muitas respostas dos comentários, entre eles, brasileiros e portugueses defendem suas opiniões.

Notamos o quanto as pessoas têm a falar sobre o caso ocorrido em Portugal, talvez, de modo que nos deixe a entender, que já existiam atritos entre esses povos. Selecionamos nove comentários para serem analisados, e com a intenção de não revelar o perfil dos comentaristas, nomeamos em ordem numérica cada comentário analisado nesse item.

No comentário número 1: “*Pois é, parece que o jogo virou, não é mesmo?*”, nos oferece o sentido de que, se o jogo virou, é por que o mesmo aconteceu ao contrário antes, e logo nos lembramos da colonização do Brasil citada em um dos itens anteriores desse trabalho. Os pais portugueses não gostaram do que aconteceu, mas no período de colonização, mais do que a língua adentrou os territórios brasileiros, e talvez seja por esse motivo o comentário do internauta. Mesmo sem saber qual a origem da pessoa que fez tal comentário, entendemos que essa é uma crítica aos portugueses diante do que foi revelado na notícia.

Mais adiante, destacamos o comentário número 2:

A influência cultural do Brasil é muito maior. Somos muito mais populosos, diversos, nossa dificuldade gera criatividade e num mundo de informações acessíveis pela internet é de se esperar que isso aconteça. O mundo é feito de mudanças. Nada é estático. Se querem preservar a "portuguezisse" fechem o acesso ao resto do mundo.

Vejam que a pessoa argumenta o caso descrito pelo DN, elogiando o Brasil, falando virtudes que se encontram em nosso país. É citado que somos um país maior, mais populoso e, conseqüentemente, mais influente, e diante desse fato mudanças acontecem não apenas no Brasil, mais sim, onde quer que nossa cultura alcance. Ao final, a pessoa diz ainda que nada é estático, ou seja, nada é sem movimento, portanto, se os portugueses não aceitam mudanças, preservando sua língua, que fechem o acesso ao restante do mundo. A pessoa compreende que qualquer acesso, não apenas ao Brasil, mas a qualquer lugar do mundo gera mudanças, e se caso os portugueses se incomodam com isso, se isolem. Segundo Leite (2021, p 57) “[...] são naturais, a todas as línguas, os fenômenos da variação e da mudança, e as línguas variam e mudam assim como varia e muda a vida do homem na sociedade.”. Ou seja, tanto o PB quanto o PE mudam de acordo com as mudanças sociais causadas pelo homem, sendo assim, os portugueses também sofrem mudanças, mas não reconhecem essas como positivas.

Em resposta ao comentário acima, destacamos o comentário número 3: “[...] a quantidade nunca foi bitola para QUALIDADE. Ponha aí na sua contabilidade os milhões de analfabetos. O que vocês espalham pela Internet não é CULTURA. Onde está a verdadeira Cultura Brasileira? Não está.”. Percebamos que o comentário foi retrucado com um pouco de rispidez, argumentando que no Brasil existem analfabetos e o que é nosso, sendo espalhada na internet, não é cultura. E mais, faz uma perguntaretórica, dizendo que no Brasil não existe cultura. Essa é uma forma grosseira de defender sua opinião, que é preconceituosa em relação aos brasileiros, e a forma como essa pessoa defende seu ponto de vista é carregada de preconceito e intolerância, exatamente o que Leite (2021, p. 134) diz: “A intolerância não usa máscara, ela anuncia tal como é por meio de linguagem que comenta linguagem, a metalinguagem. A característica fundamental da intolerância é veicular agressividade verbal contra alguém em razão da linguagem que usa.”.

Outro comentário que nos chamou a atenção traz um pouco do que falamos no início da análise, a respeito do entretenimento que as crianças portuguesas encontraram nos conteúdos brasileiros. Vejam a seguir:

Uma considerável fração do povo português alimenta uma espécie de sentimento de superioridade em relação ao Brasil em tudo – até mesmo na língua que nos deixaram de herança. A verdade é que, querendo ou não, o Brasil é o país que

ainda dá ao idioma lusitano alguma relevância no mundo, com as novelas, as músicas, os filmes, porque, se dependesse de Portugal, o idioma seria nulo. Portugal não exporta quase nada de cultura. Somos nós que seguramos essa bomba.

No comentário de número 4, percebemos a opinião de uma pessoa, aparentemente brasileira, sobre o caso contado pelo DN. Segundo essa pessoa, o Brasil tem um bom papel quando o assunto é cultura, pois leva o idioma lusitano a tantos outros países através de artistas, sendo em novelas, músicas, filmes, e no caso da notícia, um *youtuber*. Essa é uma opinião que, de certa forma, fortalece as opiniões a favor dos brasileiros, porém nem todo comentário que discorda dessa opinião está do lado dos Portugueses. Temos como exemplo o comentário de número 5: *“Discordo. O que eles têm é um complexo de inferioridade, uma tremenda insegurança.”* A insegurança citada no comentário acima, certamente está atrelada ao fato dos portugueses defenderem seus filhos do uso do PB, na intenção de não perder a essência do Português de Portugal.

O comentário 6 diz o seguinte: *“Chora mais e devolvam nosso ouro”*. Nesse comentário, percebemos como Portugal é visto por alguns brasileiros. Com a chegada dos portugueses ao território brasileiro e a exploração das riquezas do nosso país, Portugal passou a ser visto como um "vilão", ganhando dos brasileiros um sentimento de ressentimento tanto pela introdução do idioma ao país, quanto pelas riquezas brasileiras que foram levadas pelos portugueses.

O comentário 7 apresenta o seguinte: *“Não conheço ninguém, nem sequer no Brasil, que fale “brasileiro”. Tanto amesquinham o português falado no Brasil, mas acolhem de forma submissa os termos em inglês ou francês.”*. O comentário deixa claro que o Português falado no Brasil é totalmente derivado do Português de Portugal, ou seja, não é um idioma exclusivo do nosso país, dando a entender que não é compreendido o motivo pelo qual as famílias sentem-se tão incomodadas com a adesão de palavras brasileiras no vocabulário das crianças portuguesas. Outro ponto relevante é a afirmação de que em Portugal, palavras inglesas e francesas são aceitas sem reclamações, o que faz o leitor refletir a cerca da existência do preconceito com o Brasil, já que suas variações não são bem vindas, enquanto palavras de idiomas advindos de países europeus são aceitas, existindo assim uma supervalorização e preferências por idiomas que pertencem a países mais desenvolvidos.

O comentário 8 aponta para a presença do preconceito social: *“Só nos faltava virarmos favelas.”* É nítida a crítica ao Brasil, não apenas relacionada a linguagem, mas se estende a outros aspectos, porém, sobre a língua, o PB é visto como uma língua sem

valorização e inferior ao PE, simplesmente por suas variações. Nesse comentário, é evidente o preconceito com o Português falado no Brasil, como também com a favela brasileira, local em que vivem pessoas de baixa renda, sem muitas oportunidades e sem acesso a educação.

O comentário 9 é a resposta do comentário anterior, e diz o seguinte: “*Já é a favela da europa.*” Esse comentário está interligado com o comentário analisado acima. Ao associar Portugal a uma favela, percebemos também um preconceito com o país, talvez exista uma visão de que os países europeus que possuem principalmente o inglês como idioma são superiores aos países que falam o português, estabelecendo assim uma visão preconceituosa. Inclusive, a crítica pode ter sido feita pelo simples fato de algumas palavras brasileiras estarem no vocabulário das crianças portuguesas, associando o nosso idioma à ideia de uma língua sem regras, que não é falada corretamente, o que sabemos que não condiz com a realidade.

Diante das análises desses comentários, percebemos que existe uma visão preconceituosa dos portugueses para com o PB e suas variações. É nítido que a preocupação em preservar o vocabulário português é apenas uma maneira de mascarar o preconceito que existe com o PB, deixando transparecer uma visão de que nosso país é inferior a Portugal. Podemos perceber que alguns portugueses compreendem o português falado no Brasil como errôneo, pois possui diferenças da forma em que é falado em Portugal, não aceitando assim as diferenças que existem, pois compreendem o Português como uma língua única em que variações não são bem vindas. Além do mais, usam o preconceito ao PB para atacar outros aspectos do nosso país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da temática apresentada, abordando o caso divulgado pelo Diário de Notícia, pudemos observar com um olhar mais intenso as atitudes dos pais portugueses e quais motivações ao tomarem tais atitudes com seus filhos. Afinal, esse foi o ponto que nos chamou atenção e se tornou nosso objeto de pesquisa.

Em nosso primeiro objetivo específico, buscamos compreender as razões da inquietação dos pais portugueses a respeito da aquisição de palavras do PB por parte de seus filhos. Ao tomarem providências para cessar o uso de palavras do PB no vocabulário de seus filhos, os pais portugueses se mostram incapazes de tolerar mudanças advindas do PB. Esse incômodo é, infelizmente, fruto do preconceito, advindos da visão de que o PE é mais correto e/ou mais bonito, se comparado ao PE, por já existir antes da chegada dos portugueses ao Brasil. A ação dos pais é movida, a princípio, por um preconceito, que os leva a serem intolerantes com o PB.

A conclusão anterior atende, ao mesmo tempo, ao segundo objetivo específico da nossa pesquisa, no qual nos provoca a analisar se essa aversão ao contato com a nossa língua, significa intolerância ou preconceito ao PB. Os portugueses chegaram ao ponto de levar seus filhos a sessões de terapia, com o intuito de “solucionar” o problema que haviam encontrado. Além do mais, proibiram o acesso ao *youtube* e liberaram o uso do mesmo, exclusivamente, com a Língua Portuguesa europeia. Um dos pais justificou tais atitudes para seu filho, dizendo-lhe que isso só o prejudica, e apenas com essas providências tomadas seu filho está muito melhor. É perceptível como os portugueses não acatam a influência do PB como algo positivo, sendo essa uma marca de preconceito, e, perante as atitudes tomadas, conforme descrito acima, consideramos os portugueses intolerantes.

Percebemos que não só os pais e educadores se mostraram preconceituosos e intolerantes. A partir do terceiro objetivo de nossa pesquisa, buscamos investigar o posicionamento de alguns internautas através dos comentários do site Diário de Notícia, a respeito do acontecido. Nessa busca, encontramos inúmeros comentários sobre o exposto pelo DN, porém alguns nos chamaram a atenção, entre eles, o de um internauta que responde a um comentário que elogia o Brasil, dizendo que nosso país tem milhões de analfabetos e é um país sem cultura. Essa é outra demonstração de preconceito e intolerância aos brasileiros por parte de um internauta.

Na busca de analisar se há ou não preconceito linguístico na notícia emitida pelo

Diário oficial de Portugal, a partir do que foi visto em depoimentos de pais, educadores, especialistas, e, até mesmo, no posicionamento do próprio jornal, juntamente com a análise dos comentários, concluímos que a aversão a este tipo de contato com o português brasileiro significa intolerância, fruto do preconceito decorrente do mito de que o PE é melhor e superior que o PB.

Lamentamos os resultados obtidos e percebemos a carência de conhecimento existente a respeito da língua portuguesa e sua história, principalmente, nos dois países em questão. Em pleno século XXI, diante de tantos aspectos que fazem a Língua Portuguesa apresentarem constantes mudanças, muitas pessoas ainda se mostram leigas quando o assunto é nossa língua, assim propagam opiniões preconceituosas e intolerantes.

Notamos, ainda, após a conclusão dessa pesquisa, que essa temática é bastante debatida no curso de Letras Português, porém pouco debatida em outros meios acadêmicos. Como uma forma de combate ao preconceito e intolerância linguística seria relevante que esse debate fosse aprofundado na educação básica e se estendesse, inclusive, para outros cursos, por exemplo. Essa seria uma maneira de a temática atingir um número maior de pessoas, refletindo na forma como elas pensam sobre a Língua Portuguesa, nossa língua materna.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. Ed., 6ª reimpressão. –São Paulo: Contexto, 2020.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo:Contexto, 2021.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas,2008.
- LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. 2. Ed. – São Paulo:Contexto, 2021.
- LUZ, Paula. Há crianças portuguesas que só falam brasileiro. **Diário de Notícias**, 2021. Disponível em: <["Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'" \(dn.pt\)](https://www.dn.pt/noticias/2021/12/29/h%C3%A1-crian%C3%A7as-portuguesas-que-s%C3%B3-falam-brasileiro/)>. Acesso em 29 de dez. 2021.
- PRATES, Andreia; SILVA, Eloísa. **A Terapia da fala em Portugal**, São Paulo, 2011.
- RIBEIRO, Adelia Miglievich. **Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização epistemológica**. Soc. estado, Brasília, v. 26, n. 2, p. 23-49, Aug. 2011.
- VÍCIO. In: **Mini Aurélio**: O minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FOLHA INFORMATIVA. OPAS, 2021. Disponível em: <[Folha informativa sobre COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde \(paho.org\)](https://www.paho.org/pt/COVID-19)> Acesso em 10 de dez, 2022.

ANEXOS

Notícia: Diário de Notícia

"Há crianças portuguesas que só falam 'brasileiro'"

Dizem grama em vez de relva, autocarro é ônibus, rebuçado é bala, riscas são listras e leite está na geladeira em vez de no frigorífico. Os educadores notam-no sobretudo depois do confinamento - à conta de muita horas de exposição a conteúdos feitos por youtubers brasileiros. As opiniões de pais, professores e especialistas dividem-se entre a preocupação e os que relativizam, por considerarem tratar-se de uma fase, como aconteceu com as novelas.

O espetáculo estava classificado como para maiores de 6 anos, mas as crianças a partir dos 3 anos ou mais podiam assistir "desde que com e bilhete e acompanhadas por um adulto". A informação constava na página do pavilhão Altice Arena desde que (finalmente) foi confirmado o espetáculo de Luccas Neto, o youtuber brasileiro que no último fim de semana esteve em Portugal para delírio dos mais pequenos.

Percebe-se facilmente a indicação. Afinal, são dele os vídeos que a maioria das crianças portuguesas vê nos ecrãs de tablet, computador ou telemóvel. E falamos de crianças que têm precisamente essa idade. Numa altura em que ainda estão a aprender a falar.

Era o caso de Laura, agora com três anos, dois na altura do primeiro confinamento. "Ela chegou lá muito facilmente. Primeiro foi ver o Panda e os Caricas, o Ruca e coisas do género. Mas há muito mais conteúdos brasileiros do que portugueses. Ora, quando acaba o vídeo do Panda, aparece logo outro desses, que é muito mais apelativo para os miúdos. A partir daí é viciante para eles", conta ao DN o pai, Jaime Pessoa, locutor numa rádio local em Pombal.

Além do confinamento - e do teletrabalho do pai, que facilitou um livre acesso ao telemóvel e aos conteúdos por parte da mais nova -, também o facto de Laura ter uma irmã mais velha, Mariana, agora com 9 anos, acabou por ser um gatilho para aceder a youtubers brasileiros. De resto, metade da família lá estará este fim de semana na Altice Arena, a usufruir de um presente de Natal de há dois anos, uma vez que o espetáculo já foi adiado duas vezes à conta da pandemia.

"Todo o discurso dele é como se fosse brasileiro. Chegámos ao ponto de nos perguntarem se algum de nós era brasileiro, eu ou o pai", conta ao DN a mãe, Alexandra Patriarca, numa altura em que o pequeno seguidor de Luccas Neto já frequenta sessões de terapia da fala.

Luccas Neto, de 29 anos, é irmão de Felipe Neto, também youtuber, mas esse mais voltado para um público mais velho, de adolescentes e jovens. Embora existam vários produtores de conteúdos similares, é ele o rei das visualizações e o seu canal no Youtube tem 36 milhões de subscritores.

“Laura não diz que vê um polícia na rua mas sim um policial, a relva é grama. Come tudinho. Já Iara pediu à mãe uma bala no supermercado e "isso foi um sinal de alarme", conta ao DN Ana Marques, que no mesmo dia percebeu que "não podia deixá-la sozinha com o tablet, porque apesar de ser muito autónoma, só tinha quatro anos". António, da mesma idade, começou a dar sinais de alerta há já algum tempo. Ao princípio, a família até achava alguma piada à forma como ele falava, às expressões brasileiras. Mas à medida que o tempo foi passando, a educadora de infância começou a preocupar-se e foi dando sinais, porque o menino não conseguia dizer os r"s nem os l"s.

"Todo o discurso dele é como se fosse brasileiro. Chegámos ao ponto de nos perguntarem se algum de nós era brasileiro, eu ou o pai", conta ao DN a mãe, Alexandra Patriarca, numa altura em que o pequeno seguidor de Luccas Neto já frequenta sessões de terapia da fala. "Neste momento estamos num processo de tratamento como se fosse um vício. Explicámos-lhe tudo, que ele não podia ver porque isto só o prejudica. E já notamos que está muito melhor. O que tentamos fazer agora é brincar mais com ele, bloqueámos alguns conteúdos, deixámos apenas a Netflix e tudo o que é em português de Portugal", acrescenta a mãe.

Expressões soltas ou discurso total?

Mas não é fácil chegar aí. A educadora Ana Sofia Alcobia sabe bem disso. Nos 17 anos que leva de profissão não se recorda de um momento profissional tão desafiante como este que agora atravessa, à conta deste duplo impacto: os conteúdos da internet e o uso da máscara, e os efeitos que terá na aprendizagem da linguagem por parte dos mais novos.

Educadora em Tomar, entre os 22 meninos da sala já teve um cujo discurso era todo ele feito em português do Brasil, "sem ter qualquer familiar brasileiro e sem nunca lá ter ido. É tudo aquilo que absorve na net", conta ao DN. Ana Sofia notou-o depois do primeiro confinamento, e como se foi agravando nos últimos tempos. "A maioria usa expressões soltas, como "estás a trolar comigo". Mas aquele menino falava com sotaque e dizia todas as palavras tal e qual como nos vídeos a que assistia na internet, reproduzindo as expressões".

Algumas, a educadora nem conhecia, mas foi descodificando. "O que sei, e tenho vindo a conversar com as minhas colegas, é que os meninos estão viciados, tal qual como os adolescentes estão com os jogos, por exemplo", aponta.

Também a terapeuta Bruna Antunes acredita que o problema advém sobretudo do tempo de exposição e consumo dos conteúdos. "Nestas idades muito tenras eles são um diamante em bruto, e por isso é preciso termos em atenção que absorvem tudo com muita intensidade. É muito importante que os pais percebam o que é que eles veem, se é ou não supervisionado. Talvez seja importante começarmos precisamente por aí, por fazermos com as famílias um trabalho de capacitação", sugere a terapeuta da fala, que aponta casos que muitas vezes "os pais até acham piada, porque é engraçada esta ou aquela expressão, riem-se, e depois é difícil travar". Neste momento nenhum dos casos que acompanha provém dessa origem, mas recorre ao exemplo precisamente por isso, por já lhe ter passado pelo consultório.

Relativizar é preciso, tal como nas novelas

Pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria já passaram muitos dos professores e educadores que agora que se debatem com estes novos tempos da linguagem dentro das salas de aula e dos recreios das escolas. Catarina Menezes, professora de linguística e coordenadora da licenciatura em comunicação e media, olha para o assunto através de um ângulo que permita um paralelismo com outras situações e com outras épocas, "por forma a podermos desdramatizar um bocadinhos os cenários".

Porquê? "Quando eu era menina havia o mesmo pânico social com os livros do tio Patinhas, que era traduzido em português do Brasil. Lembro-me bem da minha professora do primeiro ciclo ter esse pânico. A mesma coisa quando apareceram as novelas...que eram completamente massificadas. Ora, eu acho que esta discussão dos youtubers não é muito diferente", considera Catarina Menezes, embora advirta para "alguns contornos em que é preciso pensar".

"Gosto sempre de relativizar um pouco, face a estes contextos", sublinha a professora, embora

- até como mãe - registre a preocupação com "os tempos de exposição, sobretudo em idades muito tenras. Porque no caso dos adolescente é temporário, passa muito rapidamente, mudam para outras coisas em pouco tempo. Agora, nos mais pequenos, quando começam a ser consumos já muito viciantes, é complicado".

"Quando eu era menina havia o mesmo pânico social com os livros do tio Patinhas, que era traduzido em português do Brasil. A mesma coisa quando apareceram as novelas", realtiva Catarina Menezes, professora de linguística no Politécnico de Leiria.

Mas Catarina Menezes acredita que se pode ver o copo meio cheio e olhar para esta questão de outra forma: se os consumos desses conteúdos forem feitos com mediação, ajuda os mais novos a perceberem diferenças, por exemplo quando é que podem usar uma expressão, e ajuda-os a pensar até a própria língua. "Eu penso que poderia ser interessante incorporar estas linguagens na escola. Porque elas podem ser desconstruídas e trabalhadas. Podemos ver como é que palavras diferentes podem designar uma mesma realidade, sobretudo em diferentes contextos culturais. E às vezes até na própria sala de aula, porque aí também existe uma interculturalidade que não existia", enfatiza. "E não é preciso dramatizar, porque tudo faz parte da vida da língua: há palavras que são transitórias, mas também há palavras que vão ficando e são incorporadas pela própria língua".

A professora insiste na importância da escola, mas não descarta a de outros agentes da sociedade. De resto, no prisma da comunicação, olha para os youtubers com um misto de ameaça e oportunidade: "também reconheço que às vezes os miúdos aprendem muitas coisas que nem connosco aprenderiam. Alguns são socialmente e politicamente muito envolvidos".

É o caso de Felipe Neto, um ativista anti-Bolsonaro, que durante as eleições presidenciais usou boa parte do tempo no seu canal para explicar aos milhões de seguidores todo o processo político brasileiro. Já o irmão, Lucas, o ídolo das crianças, ficou famoso depois de entrar numa banheira de Nutella, com mais de 80 kg, em 2017. Desde então,

tornou-se um caso sério de popularidade infantil. Além do canal e dos vídeos, gere uma gama completa de produtos associados, desde material escolar a jogos didáticos, vestuário e brinquedos. Tudo a pensar na primeira infância. A que encheu o Altice Arena.